

AMBIENTE

Número de queimadas volta a subir no País

Comparado a 94, número de pontos de fogo aumentou 70%; índices vinham caindo há 4 anos

LIANA JOHN

CAMPINAS — Após quatro anos de quedas consecutivas, em 95 os índices de queimadas voltaram a subir no País. A média histórica, entre junho e outubro, é de 302 mil focos. Em 95, o total estimado pelo Núcleo de Monitoramento Ambiental (NMA) supera os 367 mil pontos de fogo. Comparado a 94, esse total representa um aumento de 70%.

Os maiores aumentos ocorreram nos primeiros meses da temporada. Em junho e julho foi registrado o dobro de queimadas em relação ao mesmo período dos anos anteriores. Houve mudanças na distribuição das piores concentrações de fogo também. Nos anos anteriores, a evolução do fogo repetia um padrão espacial, relaciona-

INVERNO MAIS SECO FAVORECEU USO DE FOGO

do ao clima: nos primeiros meses queimava mais o Centro-Sul. O Brasil Central e a Amazônia só ardiam a partir de agosto.

Este ano foi diferente. Em junho e julho, os focos de fogo já se espalhavam pelo território, com registros no Centro-Oeste e na Amazônia. A tendência se manteve, mesmo com o problema de monitoramento, causado pelo excesso de reflexo solar nas imagens do NOAA-14. Em meados de agosto, as imagens desse satélite começaram a ficar saturadas com o reflexo da luz solar.

O Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe) foi obrigado a mudar o satélite para o NOAA-12, de passagem noturna. Apesar do número de queimadas computadas à noite ser entre quatro e cinco vezes menor, verificou-se a mesma tendência de queima generalizada na Amazô-

nia e no Brasil Central. Até 15 de agosto, o total de queimadas detectado por satélite foi 122.466 focos. Dessa data até outubro, o total de registros noturnos foi de 35.055. Estimativas baseadas na tendência de queimadas e na diferença entre os dois satélites indicam que o número real do segundo período fica em torno dos 245 mil pontos de fogo.

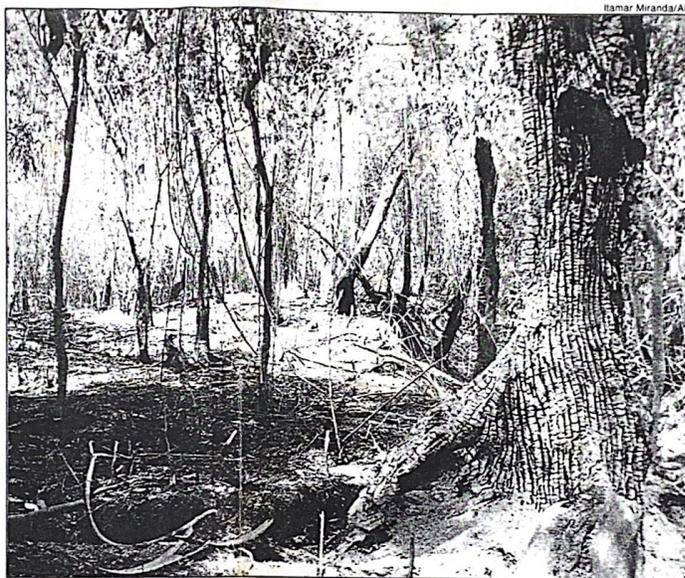
O inverno mais seco favoreceu o uso do fogo, mas não explica todo o aumento. De acordo com o pesquisador Evaristo Eduardo de Miranda, do NMA, a estabilização da economia, com o retorno de investimentos agrícolas, explica, juntamente com os fatores climáticos, esse aumento.

Essa opinião é compartilhada por quem sobreviveu o Brasil Central e a Amazônia, como Volker Kirchhoff, do Inpe, coordenador brasileiro do ex-

perimento binacional Scar-B. Junto com especialistas americanos, Kirchhoff coletou amostras de gases durante os vãos, entre agosto e setembro. Segundo ele, os americanos ficaram surpreendidos com o baixo teor de umi-

dade das nuvens sobre as áreas de queimadas. Apesar da aparência e do formato, não eram nuvens de chuva, mas de fumaça, diz Kirchhoff.

Embora a avaliação dos dados seja preliminar, os pesquisadores acreditam na hipótese de pequenas mudanças climáticas locais por causa do excesso de fumaça. A preocupação com as queimadas não encontrou eco nos órgãos federais. Até 14 de agosto, o presidente do Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis, Raul Jungmann, dizia não saber como usar os dados dos satélites para traçar uma política de combate às queimadas. A secretária-executiva do Ministério do Meio Ambiente, Aspásia Camargo, admite que a fiscalização é deficiente. "Pelo menos o sistema de monitoramento é moderno; vamos partir para melhoria da fiscalização."



Em junho e julho os focos de fogo se espalhavam por todo o País; mudança na concentração dos pontos

Imagens de satélite serão reavaliadas

Atroca dos satélites NOAA — do vespertino para o noturno — no auge da temporada de queimadas prejudicou a comparação e a análise dos dados obtidos no monitoramento. O número de queimadas realizadas à tarde, algo em torno de quatro a cinco vezes menos. Nos horários em que o satélite noturno passa sobre o Brasil — entre 20 e 22 horas — só as queimadas muito grandes, o fogo de beira de estrada e alguns incêndios estão acessos. A grande maioria das queimadas agrícolas é realizada à luz do dia,

durante o período de trabalho do pequeno agricultor ou do empregado responsável pelo controle do fogo, nas fazendas.

A diferença é tal, que os dados obtidos pelo satélite diurno até 15 de agosto não são comparáveis aos dados do noturno, a partir dessa data. Pelo menos por enquanto. Embora tenham optado por trocar de satélites devido ao excesso de reflexo solar nas imagens vespertinas, os pesquisadores do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe) continuaram gravando as passagens do NOAA-14. Agora, trabalham num

novo software, capaz de filtrar o reflexo solar.

Para assegurar a precisão dos dados, o Núcleo de Monitoramento Ambiental pretende fazer comparações entre satélites e contactou pesquisadores americanos que trabalham com monitoramento de fogo. Uma das alternativas é usar o DMSP, um satélite de defesa norte americano. Segundo o pesquisador Christopher Elvidge, da Universidade de Nevada, existem arquivos do DMSP com as queimadas brasileiras desde 92. Os arquivos poderiam ser entregues em duas semanas. (L.J.)

Poucos órgãos usam dados dos satélites

Os dois únicos órgãos de fiscalização que efetivamente usam as informações dos satélites para orientar ações são estaduais: a Secretaria do Meio Ambiente e Recursos Hídricos do Maranhão e a Secretaria do Meio Ambiente de São Paulo.

O governo do Maranhão está investindo os recursos internacionais do Programa Piloto de Florestas na interiorização das unidades de fiscalização. A definição dos municípios onde as unidades estão sendo criadas baseou-se nos mapas. Segundo José Ribamar Pereira, assessor técnico da secretaria, "as regiões de maior concentração de queimadas, apontadas pelos mapas, são prioritárias". O primeiro posto de fiscalização já funciona em Açailândia, no oeste do Estado.

Orientação — As informações dos satélites também serviram para orientar a política florestal e os programas de assistência agrícola da Emater, que procura ensinar os agricultores a usar o fogo com moderação e de forma controlada.

Em São Paulo, a Operação Mata Fogo ficou prejudicada este ano pela reforma administrativa em curso na secretaria. Mas voltará a ser ativada no próximo ano, conforme o secretário Fábio Feldmann: "Vamos usar adequadamente os satélites como instrumentos tecnológicos para dar maior agilidade às ações da secretaria." (L.J.)